

WILLIAM TEMPLE HORNADAY E SUA ZOOLOGIA TAXIDERMISTA: DE ANIMAIS MORTOS A ANIMAIS VIVOS¹²

*WILLIAM TEMPLE HORNADAY AND HIS TAXIDERMIST ZOOLOGY: DEAD
ANIMALS TO LIVE ANIMALS*

Daniel Aaron Vandersommers**
vandersommers.1@osu.edu

RESUMO: Em 1887, William Temple Hornaday, como taxidermista chefe do Museu Nacional dos Estados Unidos, estabeleceu o Departamento de Animais Vivos, com a esperança de que ele evoluiria para um zoológico nacional, que poderia proteger as espécies em fuga do continente norte-americano. Que um caçador e coletor de animais especializado em matar animais vivos, a fim de preservar os mortos estabeleceria uma instituição com a finalidade de preservar a vida, previnindo a morte é, no mínimo, bastante irônico. No entanto, uma conexão muito lógica existente entre os processos de taxidermia e a criação do zoológico nacional. Ambos os animais vivos e mortos provaram ser centrais para o trabalho diário de William Temple Hornaday. Os mortos encontravam casa nas exposições do Museu, e os vivos passeavam pelo Departamento. Antes de chegar a seus respectivos destinos, porém, todos os animais, vivos ou mortos, viram-se em estreita proximidade como objetos de ensino da cultura museal vibrante do final do século XIX em Washington. O laboratório de taxidermia Hornaday funcionava como um posto de pesagem em uma rede de intercâmbio expansivo e internacional, e o presente artigo debruça-se sob parte da volumosa correspondência que alimentou essa troca. William Temple Hornaday criou um zoológico de taxidermia através de meios muito diferentes do que os empregados para a construção de zoos na Filadélfia, Londres, Paris ou Berlim. Em particular, este artigo vai demonstrar como os não vivos, os vivos, e os mortos foram adquiridos através de um processo singular e único que acabaria por culminar no Parque Zoológico Nacional, uma instituição que iria prender as mentes de políticos, cientistas, cirurgiões, ativistas, e as massas, desde o seu início.

PALAVRAS-CHAVE: William Temple Hornaday. Taxidermia. Estados Unidos. Século XIX

¹ Artigo traduzido com a autorização do autor por Eduardo Henrique Barbosa de Vasconcelos. Professor efetivo do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Unidade Universitária de Quirinópolis. Contato: eduardo.vasconcelos@ueg.br. Artigo enviado em: 26/08/2012 e aceito em: 15/11/2012.

² Nota do Editor (N.E): Nas citações à correspondência de William Temple Hornaday optamos por fazer a citação completa no corpo do texto. Assim não consta nas referências bibliográficas o conjunto de cartas analisadas pelo autor, mas a referência completa no próprio texto. Essa opção se justifica pelo fato de que muitas cartas citadas no artigo formam um conjunto de referências ao mesmo assunto tratado na citação.

** Professor de História da *Ohio State University* onde ministra cursos introdutórios em História dos Estados Unidos da América e em História Mundial. Doutorando na mesma instituição em que trabalha. Graduado em História com ênfase principal em História dos Estados Unidos e ênfase secundária em Meio Ambiente e História do Mundo Atlântico. Seus interesses se encontram na intersecção da história ambiental, história intelectual, e da história e filosofia da ciência. Defendeu em 2010 sua Dissertação de Mestrado intitulada "*Violência, Animais, e Igualitarismo: Audubon e a formação intelectual dos direitos do animal na América*", atualmente desenvolve sua Tese intitulada: "*Laboratórios, Liceus e Senhores: a imaginação Zoológica e a transformação do Humanismo na América do século XIX*" de onde foi extraído o presente artigo. Também tem interesses em Filosofia Europeia, Teoria Crítica, Psicanálise, Biologia, Teoria da Evolução.

ABSTRACT: In 1887, William Temple Hornaday, as chief taxidermist of the United States National Museum, established the Department of Living Animals with the hopes that it would evolve into a national zoo that could protect the vanishing species of the North American continent. That a hunter and animal collector who specialized in killing the living in order to preserve the dead would establish an institution with the purpose of preserving the living by preventing death, in the very least, seems wildly ironic. However, a very logical connection existed between the processes of taxidermy and national-zoo-building. Both dead and living animals proved central to the everyday work of William Temple Hornaday. The dead found homes in the Museum's exhibits, and the living paced the confines of the Department. Before reaching their respective destinations, though, all animals, breathing or otherwise, found themselves *living* in close proximity to each other, as educational objects in the vibrant museum culture of late-nineteenth-century Washington. Hornaday's taxidermic laboratory operated as a weigh station in an expansive and international exchange network, and this paper will glance at the voluminous correspondence that fueled such exchange. William Temple Hornaday created *ataxidermic* zoo through means far different than those employed by zoo-builders in Philadelphia, London, Paris, or Berlin. In particular this essay will demonstrate how the nonliving, living, and dead were acquired through a singular and unique process that would eventually culminate in the National Zoological Park, an institution that would grip the minds of politicians, scientists, surgeons, activists, and the masses, from its very beginning.

KEYWORDS: William Temple Hornaday. Taxidermy. USA. Nineteenth Century

O Departamento de Animais Vivos: entre museu e zoo

William Temple Hornaday nasceu em 1854 na fazenda de seu pai, em Hendricks County, Indiana. Quando ele tinha três anos de idade, sua família mudou-se para as antigas terras de pradarias intocadas de Wapello County, Iowa, onde o jovem William supostamente cultivou a paixão pelos pombos, urubus, peru e galinhas de pradaria que frequentemente voavam alto por cima de sua cabeça.

Em algum momento desta infância rural, ao visitar um meio-irmão que ficou em Indiana, William encontrou uma caixa com aves empalhadas e montadas, ele logo ficou fascinado com a arte da taxidermia, para a qual ele iria dedicar grande parte de sua vida. Aos quinze anos William ficou órfão, em 1870 ele frequentou o Oskaloosa College, posteriormente, se inscreveu no Colégio Agrícola do Estado de Iowa. Na escola Hornaday descobriu o mundo da história natural através dos clássicos: *Os passaros da America* de John James Audubon; *Os quadrúpedes da América do Norte* de Audubon e Bachman; e *Exploração Aventuras em África Equatorial* de Paul DuChaillu, assim, ele rapidamente se tornou taxidermista do museu da escola exercitando-se para se tornar um naturalista.

Em 1873, Hornaday deixou o Estado de Iowa para servir como assistente de Henry Augustus Ward, um naturalista proeminente e geólogo, em Rochester, Nova York, onde se localizava o Centro de Ciências Naturais de Ward. Com Ward, Hornaday estabeleceu a reputação do seu nome como naturalista e taxidermista bem-sucedido, famoso por suas viagens de coletas para o Caribe, Sul da Ásia e na Indonésia. George B. Goode reconheceu a ambição Hornaday e recrutou-o para atender as necessidades do Museu de taxidermia em rápida expansão.³

Em 1882, George Brown Goode, Secretário Adjunto do *Smithsonian Institution** e diretor do Museu Nacional dos Estados Unidos, contratou William Temple Hornaday como taxidermista chefe encarregado da coleção do Museu de Mamíferos. Naquela época, a Instituição, sob a liderança de seu segundo secretário Spencer F. Baird, começou a expandir suas prioridades além da pesquisa para incluir o desenvolvimento do Museu Nacional e da expansão da sua coleção de história natural e etnografia. Goode, um ictiólogo famoso e taxonomista que anteriormente estudara no Museu de zoologia comprada de Harvard coordenado por Louis Agassiz e cuja grande responsabilidade com o *Smithsonian* foi organizar a sua exibição zoológico para a Exposição do Centenário, na Filadélfia, além do crescimento da coleção do Museu Nacional de 200.000 exemplares a mais de três milhões. Na véspera da chegada Hornaday, o objetivo desta crescente coleção era servir ao público norte americano e aos pesquisadores do

³ Ao longo de sua vida Hornaday ganhou fama como naturalista, zoólogo, corretor de imóveis, conservacionista, coletor de animais, compositor, poeta, escritor da natureza e ativista político. Ele não só desempenhou um papel central no movimento zoológico americano, mas a ele é popularmente atribuído a honra (certamente um exagero, mas a tradição é notável mesmo assim) de, sozinho, descobrir o crocodilo americano e salvar o búfalo e as focas do Alasca da extinção. Embora haja uma montanha na Faixa Absaroka de Yellowstone e uma série de medalhas de escoteiros em homenagem a ele, surpreendentemente há muito pouco escrito sobre William Temple Hornaday sua vida, obra ou legados. As informações bibliográficas vem de Fairfield Osborn “William Temple Hornaday,” *Dictionary of American Biography* (New York: Charles Scribner’s Sons, 1958), Supplement II, 316-318. No final desta entrada pequeno dicionário, Osborn afirma que esta pequena quantidade de informações biográficas veio de uma autobiografia parcial e inédita realizada no New York Zoological Society, um livro de memórias de Blair W. Reid, uma edição de 1942, *Who Was Who in America* e uma edição 1933 da *American Men of Science*, bem como de “personal knowledge.” Stefan Bechtel muito recentemente, publicou *Mr. Hornaday’s War: How A Peculiar Victorian Zookeeper Waged a Lonely Crusade for Wildlife that Changed the World* (New York: Beacon Press, 2012). Antes deste trabalho, a coisa mais próxima de uma biografia já publicada sobre Hornaday foi John Ripley Forbes Forbes’s *In the Steps of the Great American Zoologist: William Temple Hornaday* (New York: M. Evans e Company, Inc., 1966), um livro ilustrado para crianças. Para saber mais sobre Henry Ward Augusto e seu Estabelecimento Ciências Naturais ver Mark V. Barrow, Jr. “The Specimen Dealer: Entrepreneurial Natural History in America’s Gilded Age” *Journal of the History of Biology* 33, No. 3 (Winter, 2000, 493-534).

* Nota do tradutor (N.T) – Instituição Educacional e de Pesquisa Norte Americana associada a um complexo de 19 museus e 07 centros de pesquisa, centrado em Washington DC.

Smithsonian, pois a necessidade de um taxidermista qualificado era muito grande (HOROWITZ, Helen L., 1973/1974, 408-409; KOHLSTEDT, Sally Gregory, Spring, 1988, 11)⁴.

Após a sua contratação, Hornaday imediatamente mudou seu foco de animais exóticos da Ásia e da África, que muitas vezes eram exibidos em Rochester, para a grande fauna da América do Norte que precisavam ser homenageado em um museu nacional. Seus anos em Washington, DC, foram especialmente dedicado ao bisão americano. Em 1886, o *Smithsonian Institution* financiou uma expedição para Montana, a fim de coletar amostras de bisão antes que os rebanhos desaparecessem rapidamente do oeste americano alcançando a inevitável extinção que alguns naturalistas estavam prevendo. Nessa viagem, Hornaday “experimentou” a gravidade dessas previsões. Os rebanhos que Hornaday viu vagando pelas planícies no início de sua vida tinha sido reduzidos a indivíduos espalhadas por todo o ocidente, Hornaday levou meses para localizar e retirar 25 exemplares para o *Smithsonian*. Em uma carta ao secretário Baird, enviado de Miles City, Montana, Hornaday escreveu:

Matamos quase tudo o que vimos e estou confiante de que não há, ao todo, mais de 30 cabeça permanecendo em Montana. Por esta altura no próximo ano os vaqueiros terão destruído tudo o que remanesceu. Obtivemos em nossa Exploração apenas em cima da hora, - o último dia, à noite, por assim dizer, e eu não hesito em dizer que estou muito alegre com o fato de que termos sido tão bem sucedido na obtenção das amostras que precisavamos tão urgentemente. Com os estudos biológicos eu tenho sido capaz de fazer, os espécimes que a nossa boa sorte nos trouxe, acho que podemos ter uma série de espécimes montados que será invejado por todos os outros museus (HORNADAY TO BAIRD, December 21, 1886, Smithsonian Institution Archives, Record Unit 305, Accession 18617).

Junto com estes espécimes, que ele iria transformar-los em uma famosa exposição de bisões para as salas do Museu Nacional de História Natural, Hornaday trouxe uma nova finalidade de volta para a capital dos Estados Unidos. Sobre os campos ondulados de Montana, Hornaday cultivou uma ética conservacionista que não só

⁴ Para saber mais sobre a história do *Smithsonian* no século XIX ver: Wilcomb E. Washburn's "The Influence of the Smithsonian Institution on Intellectual Life in Mid-Nineteenth-Century Washington" *Records of the Columbia Historical Society, Washington, D.C.* 63/65 (1963/1965): 96-121; Nina Burleigh's *The Stranger and the Statesman: James Smithson, John Quincy Adams, and the Making of America's Greatest Museum: The Smithsonian* (New York: Harper Collins, 2003); Heather Ewing's *The Lost World of James Smithson: Science, Revolution, and the Birth of the Smithsonian* (New York: Bloomsbury, 2007); Jean V. Matthews's "Libraries, Books, and the Nature of America: The Creation of the Smithsonian Institution" *The Journal of Library History* 16, No. 1 (Winter, 1981): 152-165; and Daniel Goldstein's "Yours for Science": The Smithsonian Institution's Correspondents and the Shape of Scientific Community in Nineteenth-Century America" *Isis* 85, No. 4 (Dec., 1994): 573-599.

conformaria sua carreira, mas também seria a sua marca no Parque Zoológico Nacional que ele iria ajudar a criar. Hornaday afamadamente informou o público americano sobre o genocídio cometido contra os rebanhos de bisões do país em um livro-relatório frequentemente citado intitulado: *O Extermínio do bisão americano* (HOROWITZ, 1973-1974, 409-412; HORNADAY, William T., 1889, 367-548).⁵

O desejo de proteger o bisão levou Hornaday diretamente para a gênese do Parque Zoológico Nacional. Em uma carta de 1887 a Goode, Hornaday afirmou:

Em vista do fato de que, até agora, este governo não fez nada para preservar vivos qualquer espécie do bisão americano, as espécies mais marcantes e evidentes neste continente, tenho a honra de propor que ao *Smithsonian Institution* ou o Museu Nacional, um ou ambos, tome providências imediatas para adquirir, seja por doação ou por compra, caso seja necessário, o núcleo de uma manada de búfalos vivos. Depois de ter sido poupado do infortúnio, graças ao *Smithsonian Institution*, de ficar sem uma série de peles e esqueletos de espécies adequadas para as necessidades do Museu Nacional, agora parece necessário que assumamos a responsabilidade de formar e preservar um rebanho de búfalos vivos que pode, em uma pequena medida, reparar a desgraça nacional que atribuí ao extermínio cruel e sem sentido da espécie em estado selvagem (Hornaday to Goode, December 2, 1887, Smithsonian Institution Archives, Record Unit 201, Box 17, Folder 10).

Hornaday ecoou esse sentimento em sua obra *Extermínio*, sugerindo que o *Smithsonian* adquirisse vários bisões, a fim de manter a "raça absolutamente pura" (Hornaday, "Extermination," 528).⁶ Logo depois, Hornaday comprou seis búfalos, que ele colocou em um curral no gramado atrás do castelo do *Smithsonian*.

Como os bisões sujavam o pasto improvisado ao longo do *National Mall*, outros animais vivos lotaram o interior do *Smithsonian*. O Museu há muito tempo aguardava o desenvolvimento de um "Departamento de Vivaria, Para fornecer materiais para o processo de estudos científicos, bem como para fins de educação geral", mas foi William Temple Hornaday, que, em 1887, tomou a iniciativa de criar o Departamento de animais vivos. Este Departamento simplesmente cresceu a partir da necessidade prática e "imperativa" de Hornaday em manter os animais que vivem em a sua disposição enquanto ele trabalhava em uma "série de grupos familiares de mamíferos da América" para o

⁵ Para saber mais sobre a dizimação do bisonete americano ver: Andrew C. Isenberg *The Destruction of the Bison: An Environmental History, 1750-1920*. Havia também muitos artigos de revistas que discutiram as exposições de búfalos do *Smithsonian*, bem como o papel Hornaday em criar essas exposições, incluindo o seguinte: "The National Museum Buffalo," *Forest and Stream; A Journal of Outdoor Life, Travel, Nature Study, Shooting, Fishing, Yachting* 28, No. 6 (March 3, 1887): 106.

⁶ Ver: James A. Dolph and C. Ivar Dolph's "The American Bison: His Annihilation and Preservation" *Montana: The Magazine of Western History* 25, No. 3, Summer, 1975, 14-25.

Museu. Estes animais serviram como modelos que ajudaram Hornaday a “vivificar” os animais mortos que ele conservou, empalhou, montou e exibiu.

Tendo como referência os animais vivos dispersos em seu laboratório de taxidermia, Hornaday pode fazer a aparência da morte viva, dando aos seus espécimes realista poses e expressões naturais. E, certamente, esses animais vivos inspiraram ele em seu ofício, lembrando que a taxidermia dedicava-se tanto a vida como sobre os mortos. Hornaday pensou que "a experiência de manter os animais vivos para este fim no laboratório de taxidermia," admitiu ele que, "tinha provado caro, e de muitas maneiras insatisfatórios." Os animais não poderiam ser espalhadas a esmo em seu local de trabalho, de modo que Hornaday "considerou ser necessário formar uma pequena coleção de animais vivos para fins de estudo, e, se possível, também para promover a sua exposição ao público (HORNADAY, W. T., “Report of the Department of Living Animals,” 1-2, Smithsonian Institution Archives, Record Unit 158, Box 5, folder labeled “Department of Living Animals, 1887-1888”).⁷

Para coletar animais para este fim, Hornaday, no outono de 1887, acompanhou o Sr. J. Frank Ellis, com a Comissão de peixe dos Estados Unidos, para a costa do Pacífico, com a esperança de "coletar e trazer de volta tanto quanto possível espécimes de mamíferos por doação, ou comprados a preços nominais "Passando por St. Paul, Minnesota, Fargo e Mandan, Dakota; Helena, Montana; Tacoma, Washington Território; Portland, Oregon; Salt Lake City, Utah, e Cheyenne, Wyoming, Hornaday adquiriu os primeiros 16 animais do Departamento de animais vivos do *Smithsonian*. O Zoológico Nacional, então, surgiu a partir de duas raposas vermelhas, um urso, um cervo de cauda branca, um veado de cauda negra colombiana, uma raposa vermelha, um cervo, veados, dois texugos, cinco cães da pradaria, uma águia dourada, e um manchado lince. Hornaday trouxe esses animais de volta a Washington, DC, e em vez de enjaular-los em seu laboratório, ele abrigou-os em uma estrutura temporária de madeira (25 x 106 pés), que ele construiu a partir da madeira de sucata do prédio anexo de New Orleans recentemente demolido. Este Departamento improvisado, localizado no lado sul da ala oriental do

⁷ Hornaday arquivou este relatório como um dos curadores associados com do Museu Nacional dos Estados Unidos. Os Curadores do Museu escreviam estes relatórios anualmente. Eles também podem ser encontrados na Caixa 5, que detém os relatórios anuais do curador 1881-1964.

Smithsonian, estava cheio de gaiolas temporárias, aquecidas e aberto ao público na véspera do ano novo de 1887 (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 2-3).⁸

Imediatamente após a abertura, os indivíduos de todo os Estados Unidos presentearam Hornaday com animais "raros e valiosos" presentes que ele não poderia recusar, e a população do Departamento de animais vivos aumentou rapidamente, triplicando de tamanho até o final do primeiro mês. A coleção exigiu "atenção constante", e em 1 de fevereiro de 1888, Hornaday contratou N. R. Wood como "guarda", para alimentar, cuidar e proteger os animais. Nos meses de fevereiro e março, o número de animais ocupantes dobrou novamente, preenchendo toda a capacidade do edifício de madeira. Na extremidade ocidental do edifício, uma cova para os ursos negros foi construída, e no centro deste poço havia uma gaiola exclusiva para o urso canela*. Outra grande gaiola, subdividida em compartimentos individuais, realizadas as grandes aves de rapina, as águias, corujas e abutres (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 4-5).

Doações de animais bombardearam Hornaday, e "os presentes foram recebidos, gaiolas temporárias foram construídas às pressas para acomoda-los, e todos os esforços foram feitos para fazer o melhor possível sob tais circunstâncias." No entanto, o Departamento de animais vivos estava no seu limite, quase explodindo, e "com o rápido aumento de tamanho e no valor das coleções, o trabalho e a atenção necessária também cresceram." Especialmente importante para a manutenção das operações do departamento foi W. C. Weeden, que, voluntariamente, como uma favor a Hornaday, assumiu as responsabilidades extras inerentes ao recolhimento dos animais, além de continuar com suas tarefas diárias como engenheiro assistente do *Smithsonian*. De acordo com Hornaday, sem Weeden, o Departamento de Animais Vivos "teria sofrido um constrangimento muito sério." Em 12 de maio de 1888, William Temple Hornaday foi oficialmente nomeado Curador do Departamento de animais vivos (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 5-7).

A maioria dos animais mantidos no Departamento foram adquiridos por Hornaday como presentes. Enquanto parques zoológicos e coleções de animais na década de 1880 e 1890 muitas vezes compraram suas coleções de traficantes de animais exóticos, como o famoso alemão Carl Hagenbeck, e seu bem estabelecido e lucrativo comércio,

⁸ N.T - Fase de coloração do Urso Preto Americano.

envolvendo a compra e venda de rinocerontes, leões, elefantes e girafas; o Departamento de Animais Vivos de Hornaday, e, assim, o Parque zoológico Nacional em si, vinheram de origens mais humildes. Entre 08 de outubro de 1887 e 30 de junho de 1888, o Departamento adquiriu 32 mamíferos, 05 aves e um réptel, enquanto recebia por meio de doações, 42 mamíferos, 56 aves e 25 répteis. Além disso, 11 pássaros nasceram no Departamento. No total, depois de nove meses, o Departamento possuía 172 espécimes, representando 68 espécies, e 123 destes eram presentes, três quartos dos quais "foram oferecidos voluntariamente e sem qualquer sugestão ou solicitação pessoal do curador" (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 8-9).

Os primeiros animais expostos no *Smithsonian* não eram as espécies exóticas típicas da maioria das gerações iniciais dos zoológicos. Enquanto os zoológicos do mundo foram originados de diversas formas por sociedades zoológicas locais, composta pela elite intelectual urbana, muitas vezes desempenhado um papel importante no estabelecimento de jardins zoológicos que poderiam transformar centros metropolitanos lotados em capitais refinados da modernidade, um precedente aberto pelo Jardin *des Plantes* de Paris. O Departamento de animais vivos, por outro lado, surgiu rapidamente e de forma espontânea a partir das necessidades práticas de William Temple Hornaday e do *Smithsonian Institution*, e, portanto, da geração fundadora do zoológico nacional possuía um propósito para além do mero espetáculo. Dos animais doados para Hornaday, "os mamíferos mais notáveis eram os seguintes:

Um belo par de bisão americano, do Sr. C. E. Blackford de Nova York, um Jaguar muito grande do sexo masculino, do Sr. Riddle J. W. e Eagle Pass, Texas, dois ursos negros do Sr. J. J. E. Lindberg de El Paso, Texas, um cervo macho da Virginia, do capitão R. L. Hoxie, Montgomery do Alabama, e uma fêmea da mesma espécie de Dr. P. Glennan de Washington, DC, dois filhotes de urso preto do Sr. J. S. Miller, comissário da Receita Federal de Washington, um coiote Sr. P. D. Nowell de North Platte, Nebraska, um lobo cinzento do Sr. C. A. Dole de Glendive, Montana, um macaco Grivet do Sr. L. Moxley de Washington, e um extremamente interessante macaco aranha (*Ateles vellerosus*) do Sr. C. H. Townsend do vapor Albatross da Comissão Norte Americana de peixe uma raposa cinzenta do Sr. Geo. E. Brown, Alexandria, Va (sic). (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 10)

Com exceção dos macacos, todos os mamíferos anteriores eram nativos da América do Norte e foram espécies populares para nas exposições de taxidermia ao redor dos Estados Unidos. Mesmo os animais que Hornaday comprou encaixam-se nessa descrição, "uma puma de Ft. Keogh, e um "ponta de prata" urso marron filhote de Billings, Montana, um urso preto fino da Carolina do Sul, recebeu do Dr. G. H. Manigault

em uma troca, e os veados e lincos manchado "adquiridos na viagem para a costa do Pacífico. O Departamento de Animais Vivos foi de fato formado para ajudar Hornaday na criação de uma coleção de taxidermia realista da fauna da América do Norte para colocar em exposição no Museu (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 11).

Apesar do rápido crescimento do Departamento, Hornaday, Wood e Weeden mantiveram os animais relativamente em boa saúde. Dois lincos manchados morreram de pneumonia e intoxicação urêmica, respectivamente, no inverno, devido a ineficiente sistema de aquecimento, e seis codornizes e duas perdizes foram mortos pelos ratos que "completamente infestaram" o Departamento. Para além destas mortes infelizes, que foram todas causados pelas deficiências de infra-estrutura do Departamento rapidamente construído, alguns gambás e marmotas também conseguiram fugir do local, criando um precedente para os animais fugitivos que ocasionalmente fugiam de suas áreas de contenção para cometer "loucuras" nas ruas de Washington. Os parques zoológicos do século XIX de todo o mundo, geralmente lidavam com animais esquivos que exploravam a perícia ainda em desenvolvimento de arquitetos e engenheiros dos jardins zoológicos. O Departamento de Animais Vivos provou não ser uma exceção (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 11-12).

O Departamento imediatamente necessitou de uma grande dose de trabalho, a fim de cuidar dos seus habitantes de origem animal e da sua infra-estrutura. Wood e Weeden não poderiam fazer tudo isso sozinhos e, de fato, exigia a "assistência diária de um trabalhador especializado". Alimentar os animais sozinho provou ser uma tarefa monumental. Muitas das aves e mamíferos necessitavam de refeições de 3 a 5 vezes ao dia e, cada espécie necessitava de uma dieta especializada. Os animais jovens, especialmente, precisavam de cuidados atentos. Além disso, "com exceção dos répteis, para cada espécie em toda a coleção" foi dado um "etiqueta" que iria instruir os visitantes em geral com informações a respeito de cada tipo de animal. Hornaday até tentou criar mapas que mostrariam a "distribuição geográfica" de cada animal, mas o "tamanho e importância da coleção sobrecaregaram ele com mais obrigações mais imperativas" que a sinalização dos animais. Em março, abril, maio e junho, Hornaday comprou apenas quatro animais, "os presentes que vieram dia após dia" sozinhos "requeriam "esforços diligentes de trabalho". Some-se a isso, a "superlotação do prédio" como admitiu Hornaday e "o pequeno tamanho da maioria das gaiolas, o estado de saúde dos animais

e a limpeza geral do estabelecimento de atestar [para] a energia e vigilância dos guardas, os Srs. Wood e Weeden” (HORNADAY, 1887-1888, “Report,” 12-13).

Claro que, essas obrigações também colocaram um peso significativo sobre as finanças do departamento. Hornaday tentou ser tão frugal quanto possível salvando o "feno de trevo fino" utilizado pelo Departamento de Fundamentos públicos como alimento para os ruminantes. Enquanto tal prudência provavelmente salvou Hornaday em cerca de cem dólares, e enquanto as aves de rapina foram alimentadas com roedores capturados do edifício e o bisão pastou no gramado do *Smithsonian*, alimentar os animais vivos inevitavelmente se tornou caro (HORNADAY, 1887-1888, “Report,” 13-14).

Tão caro como a manutenção da infra-estrutura do Departamento de Animais Vivos podia ser, o custo do transporte de animais do Departamento para além dos limites do *Smithsonian* se mostrou bastante razoável. Empresas tipicamente ferroviárias no final do século XIX iriam cobrar de "duas a quatro vezes a quantidade de taxas comuns" para os animais vivos de embarque. No entanto, devido à negociação de S. C. Brown, secretário do Museu Nacional com a U. S. Company (em seguida, incluindo a Companhia B. & O.) concordou em transportar os animais para o *Smithsonian* por uma "taxa de mercadoria comum." Rejeitando a inflexão da *Express Company Adams* e da *Southern Express Company*, que recusaram a Brown qualquer desconto. Hornaday afirmou orgulhosamente que "a concessão generosa" do Expresso EUA "vão ser de grande valor para nós na construção da coleção", e ele pediu a todos os seus doadores magnânimos para enviar animais utilizando as linhas B & O (HORNADAY, 1887-1888, “Report,” 14-15).

Operando e gerenciando o Departamento, assim como todos os zoológicos, demandava encontrar soluções práticas e pragmáticas para os problemas mundanos. Se o zoológico moderno funcionava como uma cidade dentro de uma cidade, uma metrópole explodindo de animais que chamou a atenção da metrópole humana em que foi estabelecido, então, ele mesmo, o Departamento de Animais parecia um destrito exiatente de anaimais explodindo dentro da comunidade maior, o *Smithsonian*. Enquanto os assuntos cotidianos do Departamento resolveram muitos dos problemas cotidianos que uma coleção de animais vivos colocavam para a instituição de pesquisa com o museu de maior prestígio do país, mediante a parcimoniosa construção reciclada de madeira, o Departamento de Animais Vivos começou a fazer contribuições notáveis à ciência e

intelectualidade tanto em Washington, DC e na nação em geral. Os ursos do Departamento particularmente capturados pela curiosidade investigativa de Hornaday. Desde os ursos negros, canela e morrons coexistiram na mesma exposição, o Departamento promoveu uma oportunidade única para estudar como diferentes espécies de ursos interagiam uns com o outros. Embora esta pesquisa estivesse em andamento, e as conclusões não foram elaboradas, a organização amadora do Departamento fomentou uma situação única para a investigação científica. Em zoológicos mais estabelecidos, diferentes espécies de ursos raramente encontraram-se em exposições compartilhadas, e Hornaday planejou aproveitar a oportunidade que o Departamento ofereceu (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 15).

Enquanto sua pesquisa sobre os ursos ainda estava em andamento e em ascensão, o Departamento imediatamente deu a Hornaday a oportunidade de prosseguir em suas atividades de ativista e pesquisador. Ele passou "uma grande parte" do seu tempo como curador escrevendo sobre a dizimação dos bisões, bem como a "proteção do jogo no Parque Nacional de Yellowstone." (HORNADAY, 1887-1888, "Report," 17). Conforme o chefe do Departamento de Animais Vivos, William Temple Hornaday começou sua carreira como um conservacionista proeminente. Para a Exposição de 1889 em Cincinnati, ele preparou uma exposição que "chamou a atenção do público para o fato de que várias importantes espécies de mamíferos da América do Norte já haviam sido exterminadas pelo homem, e muitas outras estavam, rapidamente, indo pelo mesmo caminho." Na exposição, Hornaday incluiu espécimes requintadamente montadas do "Bisão Americano, a foca monge dos caríbas (west indian seal or monk seal), elefante marinhos da Califórnia, morsa, cervo grande da América do Norte, alce grande com chifres planos, cabra de montanha, ovelha da montanha, antílopes e castor", rodeado por uma série de pinturas e fotografias que documentavam a morte do búfalo, uma série de couros, rifles (as "modernas armas de destruição"), e 70 couros de cabra de montanha rochosa. Esta exposição, que abrangeu 800 metros quadrados, na Exposição foi comemorado a morte exibindo os seus remanescentes. cercado por uma série de pinturas e fotografias que documentandoa morte do búfalo, uma série de peles de bisões, um bisonte rifles de coleta (as "modernas armas de destruição"), e couros 70 da cabra de montanha rochosa. Esta exposição, que abrangeu 800 metros quadrados, na exposição foi

“comemorada” a morte do bisão exibindo os seus remanecentes (HORNADAY, 1887-1888, “Report,” 17-18).

Ao servir como curador do Departamento, Hornaday não deixou para trás o seu ativismo, mobilizando uma feroz campanha contra a permissão da caça que marcaria a sua carreira até o século XX assim como no século XXI. Mesmo a partir do ponto de vista do século XXI, pode parecer contraditório um famoso caçador ficar ao lado de uma exibição contra a caça, sua fama como desportista, que efetivamente tem reforçado críticas aos olhos do público, distanciando-se dos humanistas radicais que corajosamente desafiaram a "dominação e superioridade humana" central para "pensamento ocidental." Como os historiadores Lisa Mighetto, Harriet Ritvo, e outros demonstraram, os caçadores frequentemente contribuíram com os movimentos iniciais de direitos dos animais (MIGHETTO, 1991, 42; VANDERSOMMERS, 2010).

O Departamento de Animais Vivos cresceu rapidamente e o logo o prédio não tinha mais espaço "para o conforto adequado dos visitantes que diariamente visitam a coleção." Na verdade, a "multidão diária" das pessoas, às vezes se aproximando 3.000 indivíduos, "foi tão grande que tornou-se um problema atravessar o edifício, ou mesmo executar os trabalhos necessários como o tratamento dos animais. Inesperadamente o Departamento se tornou popular para o público de Washington, e o grande número de pessoas exigiu que Hornaday contratasse um vigia "para obrigar a grarotada", bem como os "vagabundos", "para sairem no momentoo adequado."

No verão de 1888, o Departamento de fato funcionava, na cena de entretenimento de Washington, como um proto-zoo, enquanto, simultaneamente, serviu tanto como Museu Nacional como uma coleção única e para Hornaday como uma especie de oficina de taxidermia. Como Hornaday observou, "o caráter dos visitantes no atendimento diário é o mais alto grau de cortesia para a experiência de abrir esta coleção para o público, e causa um constante arrependimento que é impraticavel, se não impossivel, fornecer um amplo espaço para o conforto dos visitantes e também para ter todos os compromissos da coleção na mais alta ordem de excelência (HORNADAY, 1887-1888, “Report,” 20-21).

Antes do Departamento de Animais Vivos, coleções zoológicas publicas sempre necessitaram de criaturas exóticas, mamiferos espetaculares de continentes distantes raramente vistos pelo público urbano. Ao exhibir elefantes, girafas, hipopótamos mantidos

em cativeiro por trás das grades, os zoológicos introduziram os espectadores em um grande projeto cultural que sustentavam e legitimavam sua existência.

Como os historiadores John Berger, Keith Thomas, e Harriet Ritvo têm demonstrado, "o jardim zoológico tornou-se um símbolo de conquista colonial, bem como de riqueza e status" (THOMAS, Keith, 1983, 277; BERGER, John, 1980. ROTHFELS, Nigel, 2002, 21-25).⁹ Para se adequar a todos esses significados exige-se nos zoológicos animais exóticos, de longos pescoços, cores vivas, ferozes, de tamanho gigantesco, com extremidades de marfim valiosos, manchas, listras, e raridades. Zoológicos incorporam os valores dos Estados-nação em um mundo imperializado, a capacidade de conquistar, controlar, e exibir o selvagem. Zoológicos não só transpirava poder colonial, mas também representou uma hegemonia burguesa, a capacidade da elite econômica para acumular e avançar o conhecimento, distanciando-se das ordens de iletrados e não refinados inferiores, como David e Geoff Eley Blackbourn observaram (BLACKBOURNE, David and Geoff Eley, 1984, 200).

O Departamento surgiu inicialmente para satisfazer as necessidades práticas do chefe de taxidermia do Smithsonian. Muitos dos primeiros habitantes de origem animal eram bastante comum e não tinham nada de espetacular, incluindo: ratos, raposas, coelhos, cervos, corujas, pombas (dove), pombos (pigeons) e cobras (garter snake), muitos das quais foram muitas vezes considerados daninhas ou pragas. Hornaday até achou ser necessário comprar dois esquilos, dois guaxinins, dois gambás, e uma tartaruga caixa (box tortoise). O jaguar, os búfalos, os ursos, cães de pradaria (prairie dogs), as águias, e a arara teriam atraído atenção no jardim zoológico de Filadélfia ou nos parques zoológicos da Europa, mas ninguém nunca foi buscar os altos preços no comércio de animais exóticos e, certamente, não teriam sido os "animais fabulosos" para construir um zoológico em uma posição envolvente (ROTHFELS, 56-57).¹⁰

Os Animais comuns serviam como modelos vivos que Hornaday necessitava para suas exposições de taxidemisa de animais selvagens da América do Norte. Enquanto o Departamento de Animais Vivos surgiu para satisfazer uma necessidade prática, rapidamente começou a exigir muito do *Smithsonian*. Como o próprio Hornaday reconheceu "O resultado mais importante realizado até agora pela nossa coleção de

⁹ I am indebted to Nigel Rothfels's concise analysis of the historiography of zoos presented in *Savages and Beasts: The Birth of the Modern Zoo* (Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002), 21-25.

¹⁰ Tomei de empréstimo o termo "animais fabulosos" do título do terceiro capítulo de Rothfels.

animais vivos tem sido a grande necessidade de efetizar um jardim zoológico nacional, a ser estabelecido na cidade de Washington ((HORNADAY, 1887-1888, “Report,” 20-21). O departamento necessitava de uma metamorfose.

Zoologia Taxidermica: da morte à vida

Fazendo uma retrospectiva, o Departamento de Animais Vivos foi o embrião do primeiro zoológico nacional dos Estados Unidos, criado a partir das necessidades de um taxidermista, algo que parece ser bem improvável. Que um caçador e coletor de animais especializado em matar animais vivos, a fim de preservar os animais estabeleceria uma instituição com a finalidade de preservar a vida, evitando a morte, isto no mínimo, extremamente irônico. No entanto, uma conexão bastante lógica existente entre os processos de taxidermia e a criação do edifício do zoológico nacional. O Departamento de Animais Vivos serviu muito mais como um meio do que como um fim. Certamente, o Departamento forneceu a Hornaday os modelos vivos que o ajudariam a criar exposições taxidermicas mais realistas, ainda que este propósito seja a única justificativa do Departamento após sua criação.

A taxidermanía consumiu a cultura burguesa transatlântica por bem mais de um século e meio, enquanto taxidermistas interagiram por muito tempo com os animais vivos em condições naturais e geralmente matavam guaxinins e pássaros em gaiolas espalhadas seus laboratórios, os mais proeminentes taxidermistas do século XIX possuíam seus próprios “alojamentos” para os animais. O Departamento de animais vivos surgiu como uma extensão única do processo específico de coleta dos animais do taxidermista chefe do *Smithsonian*. O Departamento (e, portanto, o Zoológico Nacional em si) não surgiu como uma coisa-em-si, mas sim como um subproduto de uma taxidermia antiga empregada no “sagrado” espaço do Museu Nacional. Ambos os animais vivos e mortos provaram ser fundamentais para o trabalho cotidiano de William Temple Hornaday. Os mortos encontravam abrigo nas exposições do Museu, e os vivos encaminhados ao Departamento. Antes de chegar a seus respectivos destinos, no entanto, todos os animais, vivos ou não, encontravam-se vivendo em estreita proximidade uns com os outros.

Como taxidermista chefe do *Smithsonian*, Hornaday viu-se como um importante ator dentro de uma elaborada, superposta e extensa rede de trabalho associadas com museus, jardins zoológicos, cabines de curiosidade e outras instituições orientadas pelas

atividades de coleta do século XIX. Nestas redes, "artefatos" heterogêneos foram comprados, vendidos, trocados, e transportados ao redor do mundo. Hornaday simultaneamente comprava animais vivos e animais mortos, muitas vezes a partir dos mesmos fornecedores, e concomitantemente as transações de animais que ele comprou aveia, milho, feno e palha para os animais vivos, e sal, alúmen de potássio, instrumentos para medir a quantidade de sal, sabão arsenical, pentes de aço fino, tanques, barris de álcool, benzina e olhos de vidro para os animais mortos. Preservar animais mortos e manter os animais vivos exigiu uma lista extensa e diversificada de materiais e o Departamento de Animais Vivos não pode ser compreendido fora do mundo material que o apoiava.

Referindo-se especificamente às coleções principescas do Renascimento, Kevin Hetherington explica que "no ator-rede temos a materialidade heterogênea de uma rede, neste caso, a coleção de artefatos, os artistas que as produziram, os estudiosos que vêm estudar eles, os edifícios em que a coleção é hospedada, está incorporada no Príncipe que é o espelho da coleção." Os teóricos e filósofos que comumente examinados atores, redes, heterogeneidade, materialidade e inter-relações sujeito-objeto sob a perseguição da Teoria Ator-Rede (Actor-Network Theory) costumam escrever sobre "coleções" pós-renascentistas que já não reflecte a imagem de um príncipe ornamentado (um ator privilegiado) e, em vez imaginam "coleções", no qual todos os seus componentes (sujeitos-objetos, humanos-animais, indivíduos-coletivos, materiais-nonmaterials) são igualmente juntos e relacionados. Na compra e venda de animais, artefactos e materiais, William Temple Hornaday trabalhou como ator único e sem importância em uma rede de coleta de longa data e de longo alcance e, portanto, não merece atenção especial. No entanto, ao explorar esta atividade de coleta para atender as necessidades do *Smithsonian*, formando assim o primeiro zoológico de seu tipo, Hornaday agiu muito além do papel de ator. Hornaday atuou como o príncipe do Departamento de Animais Vivos e do Parque Zoológico Nacional (HETHERINGTON, Kevin, 1999, 59-60).

No processo de criação de um jardim zoológico, os animais só existiam como entidades imaginadas no papel, como meros "objetos utilitários" que possuíam valores monetários fixos calculados através de fórmulas complexas, incluindo as variáveis de oferta, demanda custo, raridade, custo de transporte, de manutenção, importância cultural e valor simbólico. Antes de um determinado animal ser colocado em exposição no

Departamento, ele existia simplesmente como um ator em uma rede, como uma linha rabiscada de um memorando, de uma carta, de um formulário de pedido ou registro de adesão. Dentro da volumosa correspondência de William Temple Hornaday, os animais que dariam vida ao primeiro zoológico nacional eram desprovidos de animalidade, personalidade e ação. Mais uma vez, para pegar de empréstimo as palavras de Hetherington, no processo de construção do zoológico nacional, "tudo é similitude." No entanto, através desse processo e da similitude da rede, os animais surgem, animais-atores se transformam em animais-agentes e, apesar de cativo, sua animalidade vai, eventualmente, desafiar o antropocentrismo de uma nação (HETHERINGTON, Kevin, 1999, 58).

Para mostrar como William Temple Hornaday construiu o Departamento de animais vivos, nesta seção iremos prescrutar sua vasta correspondência. Como outros intelectuais públicos do século XIX, o envio e recebimento de cartas marcou uma importante parte de sua vida cotidiana. Esta seção examinará os atores-animal da correspondência Hornaday, a fim de mostrar como o Departamento emergiu através das práticas taxidermicas. Ao discutir animais atores, obviamente, esta seção irá necessariamente ignorar os animais como criaturas naturais, entidades com vida anterior a rede em que eles foram forçados a estar (e possivelmente nascidos nela). Na medida em que a correspondência Hornaday está em questão, animais-atores não possuía vida antes de serem transformados em mercadorias, trocados ou transportados. Como o sabão arsenical ou os olhos de vidro utilizados no trabalho de taxidermia, animais-atores existiam apenas como objetos a serem consumidos pelo Museu Nacional.

O laboratório de Hornaday e suas atividades externas

O “mundo material” dentro do laboratório de taxidermia permitiu a Hornaday representar mundos exteriores. A arte da taxidermia há muito tempo estava restrita a modelagem da natureza ou na esquivada “fantasia-real” de controle dos corpos mortos montados.¹¹ No Museu Nacional Hornaday ganhou fama por sua usual tomada de

¹¹ Para mais informações sobre a "natureza" como uma fantasia ilusória objeto da Ecologia ver o bem escrito trabalho de Timothy Morton. *Ecology Without Nature: Rethinking Environmental Aesthetics* (Cambridge: Harvard University Press, 2007). Para saber mais sobre a arte da taxidermia no século XIX (escrito a partir de uma perspectiva do século XIX), ver Franklin H. North, "The Art Taxidermal" *Century Illustrated Magazine* 25, No. 2 (Dec. de 1882): 230-240.

decisões, a mais famosa foi uma exposição em 1887 de um pequeno rebanho de búfalos, com bezerros, cercado pelas gramíneas de uma paisagem de pradaria. (HOROWITZ, 1973/1974, 410). Hornaday não só preservou, empalhou e montou animais em seu laboratório, ele também projetou e construiu o grupo de mostradores que iriam adornar as salas do Museu.

Hornaday se esforçou para criar expositores de grupo que seriam "um arrojado projeto, teatral em vigor, e . . . representa um grande esforço (*tour de force*) por parte do seu criador. "Ele esperava criar exposições que rivalizassem com o "Messageiro Árabe Atacado por Leões" de Verreaux; "A luta do Leão e do Tiger" de Edwin Ward e "A Briga dos Leões" e "O Cavaleiro Atacado por Tigres" de John Wallace.¹²

Hornaday argumentou que o "princípio" mais importante foi a decisão de obter os melhores exemplares possíveis. "É um erro", enfatizou ele, "fazer um esforço e dispendir uma grande número de amostras de um grupo ao menos que cada objeto seja de qualidade inteiramente satisfatória". Hornaday acreditava que os espécimes de uma exibição do grupo precisava ter perfeita pelagem ou plumagem, a fim de capturar os olhos e a admiração de seus observadores. Se um espécime falha ao alcançar a sua mais alta expectativa (mesmo depois de completar a sua montagem), Hornaday iria "totalmente descartá-la em favor de um melhor" (Hornaday, *Taxidermy*, 236-239).

Claro, Hornaday admitiu, "a melhor de todas as formas para adquirir espécimes para o grupo é ir para o campo, estudá-los vivos, estudar seu habitat e seus hábitos; medi-los, atirar neles, e preservar-los com suas próprias mãos. "O *Smithsonian*, no entanto, manteve Hornaday muito ocupado, por isso, enquanto na sua vida anterior, ele podia ser um dos mais qualificados caçadores-coletores de animais do mundo (na verdade, ele publicou *Dois Anos na Selva* para compartilhar suas experiências), ele simplesmente não tinha tempo para expedições de caça além daquelas financiadas pelo *Smithsonian*.

¹² Na famosa exposição do bisão de Hornaday faltou a violência descrita nas outras famosas exposições. Ele também se opôs à colocação da forma humana nas exposições, e, portanto, suas exposições fornecem um contraste interessante com as exposições de vida descritas por Nigel Rothfels e as exposições de taxidermia descritas por Lynn Nyhart em seu *Modern Nature: The Rise of the Biological Perspective in Germany* (Chicago: University of Chicago Press, 2009). Ele comenta em *Taxidermia*: "Os animais são geralmente escolhidos por permitirem a representação de ação vigorosa que poderão fazer. O tema favorito são animais de grande porte em combate. Ele que teve ousadia de introduzir a forma humana em tal composição terá a oportunidade de não ter feito. A figura humana é, na melhor das hipóteses, um assunto difícil de lidar, e na sua introdução montado no quadrúpede o pintor muitas vezes encontra, para sua tristeza, como é curto o passo do sublime ao ridículo. Em geral, eu diria que a figura humana é uma coisa excelente para deixar de fora de um grupo de quadrúpedes montados, ao menos que aconteça dele se passar por esquimó totalmente envolvido em peles grossas.

"Se você não está apto [para adquirir espécimes] por si mesmo", Hornaday afirmou "então isso deve ser feito por você sob a orientação de uma pessoa competente." Na realidade, porém, a relação taxidermista-coletor mostrou-se distante e abstrata, sempre longe do ideal. Como taxidermista chefe de um museu nacional crescente, Hornaday encontrou-se diante de constante necessidade de espécimes. A fim de atender à demanda, ele participou de um extensivo comércio de animais e artefatos. Para representar o mundo natural através da taxidermia, Hornaday abriu seu laboratório para uma redematerial que encontrou muitas de suas várias necessidades. William Temple Hornaday, seu laboratório, sua taxidermia, e o *Smithsonian* tornaram-se os atores principais em um heterogêneo comércio de animais não exóticos, peças de animais e o museu Salmagundi que apoiou uma diversificada variedade de museus, jardins zoológicos, circos, colecionadores, taxidermistas, e salões de todo o mundo atlântico.

O comércio de animais a partir do qual surgiu no Zoológico Nacional, certamente, parece menos luxuoso e espetacular do que o comércio de animais que encheu as gaiolas ou alojamentos de animais de Carlos Magno, no século VIII, Henrique I, no século XI (que iniciou a tradição real de manter os animais em Woodstock), e Akbar no século XVI. A fauna asiática, africana, e (eventualmente) a americana não eram estranhos para o continente europeu no período medieval ou início da era moderna. Como Nigel Rothfels aponta, "na Europa. . . os fossos secos ao redor das cidades muradas eram muitas vezes abastecido com cervos, pássaros eram mantidos em aviários elaborados, falcões e chitas foram mantidos para a caça, e as coleções de ursos eram relativamente comuns (ROTHFELS, 13-14.). O comércio de animais utilizados por Hornaday também aparece menos lucrativo, organizado, amplo e elitista do que o negócio de animais exóticos que forneceu o Jardim Zoológico de Londres em Regents Park (fundada em 1828), o Jardim Zoológico de Dublin (fundado em 1831), o Jardim Zoológico de Filadélfia (fundada em 1859 e aberto em 1874), e Tierpark Hagenbeck de Stellingen (fundada em 1907).

Como também demonstra Rothfels, o comércio de animais exóticos moderno, em que o empresário alemão Carl Hagenbeck desempenhou um papel importante no estabelecimento, operou como um negócio que pragmaticamente capturou, comprou, vendeu e trocou amplamente "mercadorias" animais caras (ROTHFELS, Capítulo 2 e 4). Como outros capitalistas do século XIX, os comerciantes de animais tentaram maximizar

os lucros e a eficiência, envolvendo em ambos a prática da integração vertical e horizontal e criando um comércio de larga escala como empresas internacionais empregadas no tratamento de animais ao redor do mundo. Os animais adquiridos Hornaday, porém, parecem muito menos espetacular do que os comprados por outros zoológicos, e os comerciantes de quem ele adquiriu seus animais operavam nas margens da indústria formal de comércio animal. Hornaday forjou um zoológico público de práticas empalhadas, e, por isso, o Departamento de Animais Vivos funcionava como um único híbrido de museu e zoológico.

Hornaday comprou todos os tipos de animais e todos os tipos de peças de animais a partir de uma imensa diversidade de indivíduos, empresas e organizações localizadas em todas as metrópoles e nas fronteiras dos Estados Unidos. Ele manteve um registro volumoso dessas operações e transações potenciais, mantendo toda a correspondência que ele recebeu e muitas cópias de suas respostas a esta correspondência. Os registros de animais vivos, cadáveres de animais, partes de animais, e os materiais não-vivos do laboratório aparecem lado-a-lado na coleção Hornaday de cartas, e é claro que o laboratório de taxidermia, as salas do Museu Nacional, do Departamento de animais vivos, e, eventualmente, o Zoológico Nacional foram criados e mantidos por métodos semelhantes. Hornaday agiu como um renomado membro de uma rede singular.

E para Hornaday, esta rede seria peculiar de fato, ele recebeu consultas, pedidos, ofertas de todos os tipos imagináveis e pedidos não tão bons assim. Alice Margaret Guernsey, editora e futura autora de Chicago, enviou a Hornaday a seguinte pergunta:

Diante do fato de que sempre afirmamos que o álcool é aqui encontrado na natureza, surge a seguinte explicação: "Em um livro intitulado 'Mar e Terra: uma história ilustrada das coisas maravilhosas e curiosas da natureza existente antes e, desde o dilúvio', publicado pela Bridgeman e Smythe Co., Boaton (1887), sustenta a seguinte declaração:" as videiras encontradas nas Ilhas Maurícia, são mais maravilhosas apenas do que um jarro de plantas em que se destila uma excelente qualidade do vinho, ao invés de água, isso corresponde a uma afirmação a muito tempo aceita. Os nativos são extremamente afeiçoados por esta bebida alcoólica natural e abusam do seu uso como bebedores de vinho em todo o mundo, mas diz-se que seus efeitos não são tão perniciosos no sistema como o vinho fermentado".

Eu sou incapaz de encontrar qualquer confirmação ou negação dessa afirmação, apesar de ter feito cuidadosa pesquisa em nossa excelente Biblioteca Pública. Nesse dilema, fui até ao *Smithsonian* para saber: essa afirmação é correta? Se não, como posso provar o contrário para a satisfação de algumas "crianças espertas" em uma de nossas organizações contra bebidas alcoólicas? (GUERNSEY, Alice M. Para Hornaday, 27 de Maio de 1889, "Taxidermist,

USNM, 1883-1889," Unidade de registro 210, Box 1, pasta 7, Smithsonian Institution Archives).¹³

Nenhum traço de uma resposta existe na correspondência Hornaday, mas ele provavelmente estava preocupado com questões mais prementes. O taxidermista chefe sempre encontrou-se ocupado comprando, preservado, cuidando de ervas venenosas, dando conselhos para proprietários de ilhas sobre se o sal de grama da beira-mar poderia suportar um rebanho privado de búfalos, respondendo a perguntas aleatórias sobre as antigas ruínas de Tegucigalpa, ou determinar a linhagem de pug* de propriedade da Sra. Karl (C. Pelletier para Hornaday, 31 January 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 4, SIA; John H. Harmanson para Hornaday, 4 April 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SIA; Fletcher M. Noe to Hornaday, 25 May 1889, Record Unit 210, Box 2, Folder 3, SIA; "Pedigree of Pug" Scribbled Note, 24 December 1882, Record Unit 210, Box 1, Folder 9, SAI).

Claro que, como um taxidermista, Hornaday passou a maior parte de seu tempo acumulando animais mortos e indivíduos de todo o país ofereceram-lhe todos os tipos de amostras. C.H. Harlow, de Ohio, vendeu-lhe um cão esquimó chamado Growler que morreu de consumir as toxinas do fígado de um urso (C. H. Harlow para Hornaday, 3 September Unknown Year, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SAI). Hornaday montou a cabeça do cão de estimação Bessler em troca de objetos etnológicos (G. Brown Goode para Hornaday, Undated, Record Unit 210, Box 1, Folder 6, SAI). J. A. Gillfillian, de Reserva de Minnesota Terra Branca, enviou estimativas de preços de cabeças de alces e de rena (J. A. Gilfillian para Hornaday, 14 April 1887, Record Unit 210, Box 1, Folder 7, SAI). Henry Ward negociou com Hornaday um rinoceronte montado, adquirido a partir de P. T. Barnum, por um rinoceronte montado do Museu Nacional e um gnu (Hornaday para Unknown, 30 January 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SAI). Cash M. Mead, de Crawford, Nebraska, ofereceu a Hornaday "a metade esquerda da mandíbula de um mastodonte com. . . 5 dentes molares intactos e petrificados (C. M. Mead para Hornaday, 3 November 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 2, SAI). E Y. E. B. Lasham, da Flórida, ofereceu a Hornaday uma coleção de embriões de uma tartaruga cabeçuda, a conservados

¹³ De agora em diante, vou deixar de fora o nome da coleção "Taxidermist, USNM, 1883-1889", a menos que a coleção é diferente de um presente. Além disso, vou abreviar "Smithsonian Institution Archives" como SIA.

*N.T - Raça de cachorro tida como originaria da china.

em álcool (Y. E. B. Lasham para Hornaday, 17 December 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 1, SAI).

Carcaças serviram como matéria-prima para o taxidermista, e transações como as acima caracterizado o dia-a-vida-a do taxidermista chefe do Smithsonian. Hornaday recebeu animais mortos de uma diversidade de pessoas e interesses em todo os Estados Unidos.

Muitas vezes, os zoológicos enviaram ao Museu Nacional cadáveres de animais que morreram em suas gaiolas. Hornaday forjou uma relação de trabalho, por exemplo, com a coleção de animais no Central Park, que viria a se transformar no *Central Park Zoo*, muito antes mesmo de ter concebido do Departamento de animais vivos. Em 1884 Hornaday escreveu uma carta para William A. Conklin, superintendente do zoológico, perguntando, "se seria possível nas circunstâncias existentes proteger. . . as espécimes como elas morrem em seus compartimentos de acomodação." Hornaday, então, explicou que desde a ausência de financiamento do *Smithsonian*, ele foi "obrigado a depender em grande parte da generosidade de. . . amigos e o que ele podia garantir por meio de troca." Naquele ano, Conklin enviou a Hornaday os corpos de um jeboa egípcio comum, um macaco cinza, um canguru gigante, grou siberiano (Siberian Crane), macaco mona, macaco cebeles, lêmure, condor, e pele de python (W. A. Conklin para Hornaday, 20 September 1884 , Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; Hornaday to W. A. Conklin, 6 November 1884 , Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; W. A. Conklin to Hornaday, 9 October 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; W. A. Conklin to Hornaday, 26 March 1884 , Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; W. A. Conklin to Hornaday, 8 April 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; Hornaday to W. A. Conklin, 11 November 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; W. A. Conklin to Hornaday, 9 May 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA).

Estas doações não necessariamente demonstram uma incapacidade por parte do *Central Park* em manter animais vivos vivos, pois, como Conklin apontou mais tarde, "as pessoas esquecem que os animais são como seres humanos - vão morrer, mesmo sob os melhores cuidados (W. A. Conklin para Hornaday, 10 July 1886, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SAI)." Hornaday, em troca, enviou a Conklin, um colhereiro rosado, um ibis vermelho, uma coruja grande com chifres, cervos, antílopes, cabeças, e várias publicações científicas governamentais. Este comércio de animais mortos aumentado ao

longo dos anos seguintes e Hornaday sempre se mostrou preparado "para montar tudo e qualquer coisa desde Jumbo [o elefante infame de P. T. Barnum] até animais menores (Hornaday para W. A. Conklin, 11 November 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; Hornaday to W. A. Conklin, 6 February 1885, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; Hornaday to W. A. Conklin, 6 November 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; W. A. Conklin to Hornaday, 5 June 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA; Hornaday to W. A. Conklin, 26 March 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SAI). Quando o leão do jardim zoológico de St. Louis morreu, Hornaday esperava para obter o corpo.

Hornaday não somente obteve animais de zoológicos, mas ele também adquiriu exemplares de circos. Em 1885, H. B. Everett empregada do *Barnum's Show*, escreveu a Hornaday sobre um elefante chamado Albert que havia matado um tratador. Everett informou ao taxidermista que o elefante "daria um belo exemplar para o museu, se você quiser ele, eles podem, possivelmente, enviá-lo vivo, em um carro, com ele um domador, e você pode matá-lo em Washington eletrocutado ou por meio de qualquer experimento que deseje. "Everett continuou, a eletricidade pode dominá-lo para que você não precise matá-lo, e que ele iria fazer um núcleo, por assim dizer, para um jardim zoológico. "Everett enviou esta carta enquanto o Sr. Bailey, sócio de Barnum, estava "viajando", esperando que em seu retorno, ele imediatamente ordenasse a execução de Albert. Ao entrar em contato, Hornaday, então, Everett estava dando Albert quer uma chance na vida, no caso hipotético de que o *Smithsonian* formaria um zoológico em Washington, ou Everett estava oferecendo a Albert uma oportunidade para uma nova vida em morte consagrado dentro das paredes de Museu (Hornaday para Mr. John B. Winner, 14 April 1885, Record Unit 210, Box 2, Folder 9, SAI).

Everett frequentemente preocupava-se com "a vida após a morte" dos animais de circo quando se aproximavam seus últimos dias, perguntando a Hornaday, em uma ocasião anterior, sobre o seu interesse nos corpos de um urso preto, de uma anaconda, e de um leão mantidos em zoológico do circo (H. B. Everett para Hornaday, 26 April 1884, Record Unit 210, Box 1, Folder 5, SAI). Desde o início, o Museu Nacional tinha uma relação íntima com os mortos. No entanto, estes mortos muitas vezes vinham de instituições em torno de vida como jardins zoológicos, circos, e coleções de animais.

Ironicamente, como Hornaday acumulou uma coleção de animais mortos, ele simultaneamente caletava animais vivos.

Em 7 de março de 1888, A. B. Baker, o Superintendente da Instrução Pública em Trego County, Kansas, e taxidermista amador, escreveu um bilhete simples para Hornaday sobre a importância dos animais vivos e mortos para a taxidermia. Baker explicou que "eu montei na semana passada um coioote - coloquei sobre ele todo o meu tempo livre durante uma semana! Parece-me que faço progressos muito lentos, mas tento mater o trabalho correto como eu posso. Neste caso, eu tinha como modelos um Coioote mortos e cão vivo (A. B. Baker para Hornaday, 7 March 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 2, SAI). "Usando modelos vivos para aperfeiçoar a arte da taxidermia era uma prática comum para todos os taxidermistas, e que muitas vezes adquiriram animais vivos e mortos através dos mesmos meios.

W. W. Holton de Fauquier County, Virgínia, por exemplo, se ofereceu para "adquirir alguns porcos ", tanto terrestres mortos e vivos." Holton explicou que, nas fazendas do leste da Virgínia, ele poderia adquirir porcos vivos ou mortos "variando de ½ a 11,36 kg. de peso." Ficamos com eles ocasionalmente para comer ", continuou ele," mas não fazemos a prática de caça. Se você enviar um homem para levá-los você pode ter tudo o que você quiser de graça. Se você pegá-los vivos você tem que ter algo mais forte do que as gaiolas de madeira pois eles roem a madeira. Holton ofereci seus serviços para Hornaday s gratuitamente, ele só queria oferecer ao museu bons exemplares de porcos (W. W. Holton para Hornaday, 4 July 1889, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SAI).

Para o taxidermista, os animais vivos e os mortos muitas vezes vinham "como um pacote" e muitas das cartas trocadas entre Hornaday e outros relacionado ao destino dos animais demonstrou isso. Colecionadores de animais, caçadores, taxidermistas e comerciantes em todo o Oest sabiam que o *Smithsonian* necessitava, nas palavras de I. A. Porter de Madison, Wisconsin, "bons espécimes mortos ou vivos" (I. A. Porter to Hornaday, 8 June, 1889, Record Unit 210, Box 2, Folder 4, SAI).

Hornaday recebeu animais vivos ao longo da década de 1880. No entanto, uma vez que o Departamento de Animais Vivos foi criado em 1887 e especialmente depois do Zoológico Nacional foi fundada oficialmente em 1889, a fauna encontrou o seu caminho em Washington, não só para ajudar as atividades do taxidermista do *Smithsonian*, mas

também para simplesmente tornar-se uma parte da coleção. O Departamento de animais vivos tornou-se um fim em si mesmo e os americanos espalhados pelo país tentaram vender seus animais indesejados, vermes, animais exóticos para Hornaday. George N. Clayton, proprietário de uma loja de St. Joseph, Missouri, escreveu uma carta cômica, "Prof Hornaday ou Capitão Weeden "para saber do interesse do *Smithsonian* em um leão da montanha vivo. Clayton, que (a julgar pelos marginalia "[revendedor de lixo]" rabiscadas sob a saudação de uma de suas cartas) ganhou pouco respeito aos olhos de Hornaday, comicamente escreveu o seguinte pedido:

Eu tenho em minha loja em Frederick Ave (sic). . . . um leão da montanha de uma ano meio de idade que gostaria de vender. Não sei, certamente, o sexo, mas acredito que é um macho. Entretanto, eu o nomei de Fanny e responde a esse nome. É perfeitamente manso e corre sobre minha loja perfeitamente em casa. . . . Muitas crianças vêm para vê-lo e acham ele uma beleza. Seu companheiro é um cão de água* da raça spaniel de nove semanas que foi criado com ele. Eles jogam como dois gatinhos. Não existe um defeito no mesmo. Eu o tenho desde quando ele tinha cerca de uma semana de idade. Eu o trouxe do México comigo. Ele tem 5 metros de comprimento. Eu gostaria de dispor dele a um preço razoável. Quanto o senhor acha que ele vale? Eu gostaria de vendê-lo onde ele iria ser bem cuidado. Ele esta gordo e elegante agora. Ele come principalmente carne cozida. Às vezes eu alimentá-lo carne crua. Por favor responda (Geo. N. Clayton para Hornaday or Weeden, 11 April 1889, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA).

O "revendedor de lixo" ofereceu-se para enviar este leão para Washington pelo preço de quarenta dolares, mas mesmo que Clayton enfatizasse que o leão bricava entorno de suas "pernas como um gatinho" e atraia "centenas de pessoas" para sua loja, Hornaday recusou a oferta (Geo. N. Clayton para Hornaday, 23 April 1889, Record Unit 210, Box 1, Folder 3, SIA). Muitos, como Clayton, tentaram ganhar dinheiro rápido e fácil tentando enganar o Departamento de Animais Vivos do *Smithsonian*. "Caçadores de animais" oriundos de todas as partes dos Estados Unidos rapidamente ouviram falar do Departamento Hornaday, e eles não perderam tempo em se oferecerem para procurar os animais para o *Smithsonian*. Um caçador de Geórgia enviou Hornaday a seguinte carta:

Eu ouvi. . . que você está construindo um zoológico, ao lado do museu de animais nativos. É meu querido desejo, quando se está no bom caminho para chegar, olhar ao redor em algumas partes da natureza que sempre foi a meu maior estudo, eu espero que você prospere pela graça do verdadeiro Deus vivo. Existe alguma coisa que eu possa fornecer para o seu zoológico no meu estado? (Juo. L. Tennent (sp?) para Hornaday, 3 January 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 7, SIA).

* Um tipo de cão de caça.

Outros caçadores, taxidermistas, agricultores, pecuaristas, lojistas, sertanejos, moradores de fronteira e pessoas das mais áreas remotas do país enviaram pedidos semelhantes a capital de seu país. Por exemplo, quando olheiros indianos estacionados em Fort Keogh, Montana, capturaram um leão da montanha, o 1º Tenente Thompson perguntou a Hornaday se ele gostaria de comprar o animal (Thompson para Hornaday, 31 March 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 7, SAI). Pessoas de todos os tipos frequentemente pediam ao taxidermista para enviar uma "lista do que você não tem", para que pudessem atender às necessidades do *Smithsonian* (Joseph A. O'Donahue para Hornaday, 18 March 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 4, SAI). Pedidos como este referiam-se a animais vivos e mortos para o Museu do Departamento.

Hornaday mesmo confrontado como muitas "ofertas de lixo" continuou o seu trabalho e muitos indivíduos genuinamente acreditavam que o *Smithsonian* seria uma casa melhor para os seus animais ou poderia cuidar melhor de um animal que já não queriam. George H. Forester, M. D, estacioneiro em Fort Morgan, na foz do Mobile Bay, Alabama, ofereceu-se para trocar com Hornaday uma águia careca viva em troca de uma empalhada. "Um dos meninos do meu vizinho", explicou ele, "levou esta jovem águia do ninho em fevereiro passado, como os pássaros se reproduziram aqui perto. Se não lhe causar muitos problemas, por favor, deixe-me saber o que pensa sobre as águias (George H. Forester para Hornaday, 31 July 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 6, SAI). Allan H. Jennings de Baltimore pegou um savacu de corroa* "muito bonito" durante sua viagem nas Bahamas e simplesmente queria doá-lo em apoio do *Smithsonian* (Allan H. Jennings para Hornaday, 21 November 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 9, SAI).

Atos similares de generosidade foram feitas pela senhoriata Grace Montagne com um esquilo voador, Virginian H. D. B. Norris com uma coruja e uma águia, um doador de Portland, Oregon, com uma família de carcarjas, um residente de El Paso doou alguns ursos que eram "grandes amigos da família", e um funcionário do Departamento do Interior com duas tartarugas terrestres (Miss Grace Montagne to Hornaday, 16 April 1889, Record Unit 210, Box 2, Folder 2, SIA; H. D. B. Norris to Hornaday, 13 May 1889, Record Unit 210, Box 2, Folder 3, SIA; Hornaday to Goode, 21 January 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 7, SIA; Unknown Name to Hornaday, 1 March 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 6, SAI). Muitas dessas doações foram pequenas e numerosas,

* N.T - Ave típica dos manguezais dos Estados Unidos até o norte do Peru e no Sul do Brasil

mamíferos americanos, como raposas, gambás, ratos, lebres, e esquilos. Entretanto, ocasionalmente, animais maiores e mais caros, como jaguares, ursos e búfalos foram caridosamente depositados no Departamento. Em 1887, J. H. Riddle, por exemplo, se ofereceu para enviar a Hornaday um tigre vivo de graça, desde que o *Smithsonian* estivesse disposto a gastar os 25 dólares necessários para construir uma jaula", na qual o animal seria enviado (R. E. Miffitt para Hornaday, 19 December 1887, Record Unit 210, Box 2, Folder 2, SIA).

É claro que a maioria dos que esperavam que seus animais encontrassem uma casa no *Smithsonian* não eram "vendedores de lixo" nem patronos doadores. Hornaday recebeu incontáveis ofertas de respeitáveis (e interessados) cidadãos para a compra de animais saudáveis. De Virginia, G. J. Pollock divertiu-se ao longo de um verão, capturando cobras venenosas, incluindo cascavéis, a serpente venenosa americana (copperheads), uma cobra surucucu, cobras pretas, cobras mocassins*, e cobras de água. Este hobby colecionista perigoso provou ser perigosa quando um dos amigos de Pollock sofreu uma picada de uma cobra cascavel. Ele informou a Hornaday que "encheu o amigo de uísque e ele não sofreu mais nada além de uma mão inchada", mas o incidente pode ter motivado Pollock tentar vender sua coleção de cobras para o Zoológico Nacional e desistir de seu passatempo arriscado (G. J. Pollock para Hornaday, 12 August 1889, Record Unit 210, Box 2, Folder 4, SAI). De Nebraska, James R. Rourke pediu a Hornaday que fizesse uma oferta por seu gato selvagem, por duas águias, um falção de pradaria e uma coruja de chifres (James R. Rourke para Hornaday, 16 August 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 5, SAI). De Minnesota, Merrell Ryder esperava vender a Hornaday uma fêmea do urso preto americano, simplesmente porque ele "não tinha lugar para ele no momento (Merrell Ryder para Hornaday, 14 April 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 5, SAI). E o Dr. John Vedder, de St. Augustine, queria "desfazer" de sua coleção pessoal de animais, que incluiu um jacaré de três metros de comprimento, vendendo-a ao Departamento de Zoological de Hornaday (Dr. John Vedder para Hornaday, 25 May 1889, Record Unit 210, Box 2, Folder 8, SAI).

A rede que Hornaday usou para criar o Departamento de Animais Vivos foi forjada e mantida através de meios informais. Estranhos de origens diversas e de muitos

* N.T - Encontrada principalmente nos estados do sudeste dos Estados Unidos, incluindo a extremidade sul da Virgínia, Florida e parte oriental do Texas.

lugares diferentes participaram na formação dessa rede peculiar que fez circular animais artigos animais de todo o país. Alguns atores tinham formação educacional, Outros não. Alguns eram da cidade, outros eram de pradarias e florestas. Alguns eram altruistas, outros, egoísta. Esses atores improváveis moldaram essa rede informal através de meios improváveis.

G. O. Shields, escreveu para Hornaday sobre se uma espécie cabra existentes nas Montanhas Rochosas, acrescentando no final da carta, " A proposito, eu conheci, há algum tempo, um homem chamado Harvey, em uma fazenda no norte de Spokane Falls, que disse que o distraiu em Bornéu, quando você estava lá coletando e ele era mineiro. Lembra-se dele? Ele agora está em prospecção no M.T. do Sr. Huffman de Miles City ele também frequentemente fala de você para mim. É por isso que me dirijo a você pessoalmente (G. O. Shields para Hornaday, 19 January 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 6, SAI). Atores na rede *animalia* geralmente estabeleciam relações boca-a-boca e através de encontros inesperados. Ao fazer perguntas simples como "Você pode me dizer onde eu posso encontrar a venda animais ocidentais e qual o preço que posso pedir para eles?" Ou "Você sabe onde há algum lince?" Qualquer um pode ser, repentinamente iniciado em uma rede de atores (B. E. Winston para Hornaday, 28 December 1887, Record Unit 210, Box 2, Folder 9, SIA; B. E. Winston to Hornaday, 19 January 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 9, SAI). Esta rede frequentemente fazia o vasto mundo menor, ligando (através de interesses semelhantes não-humanos) lugares tão distantes como Bornéu, Montana e Washington. D. C.

Meros conhecidos podem desenvolver, anos mais tarde, importantes relações de negócios no mercado de animais. Hornaday frequentemente se correspondia com Vic Smith, de Montana, sobre os animais em potencial que ele poderia pegar para o *Smithsonian*. Uma carta, particularmente reveladora, atesta a natureza das relações entre os atores. Em 1888, Hornaday respondeu a uma das cartas de Smith, da seguinte maneira:

Eu recebi sua correspondencia no dia 13 de abril, a qual foi precedida por sua fotografia e o esboço de jornal, todos me interessaram muito. A partir de sua fotografia eu depreendi que eu vi você em um trem N. P indo para o oeste em maio de 1886 quando eu estava saindo para procurar um búfalo. Eu me recordo bem do seu rosto e também o fato de que você estava falando com uma moça formosa apareentando 35 verões, proprietaria de uma fazenda em algum lugar em Montana. Então, agora eu sei que você tem um olho para o belo! (Hornaday to Mr. Vic Smith, 21 April 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 6, SIA).

Estranhos em trens poderiam inesperadamente se tornar atores-chave em uma rede *animalia*, e Hornaday parecia bastante hábil em criar contatos onde quer que ele viajasse.

Hornaday construiu o Departamento de Animais Vivos e o Zoológico Nacional, agindo como um taxidermista nas margens do tráfico formal de animais exóticos, geralmente utilizado pelos zoológicos. No entanto, ele ainda comprou, ocasionalmente, espécimes vivos (especialmente os de grande perfil e os animais caros que caracterizam o zoológico moderno) da elite de "comerciantes de animais", quando outras opções estavam indisponíveis. Muito antes de a gênese do Departamento, Hornaday ganhou experiência em lidar com os comerciantes. Em 1883, por exemplo, Chas. Reiche & Brothers, "importadores de animais raros, pássaros, & c.", responderam as idagações sobre os animais mortos que eles tinham na mão. Mais significativo, porém, com menos de dois anos de experiência de trabalho no *Smithsonian*, Hornaday já tinha começado a comunicar seu desejo de forjar um zoológico na capital do país, mesmo expressando essa desejo aos comerciantes de animais que poderiam fornecer-lhe rinocerontes mortos e hipopótamos do museu.

Em 20 de dezembro de 1883, Harnaday pegou dinheiro emprestado com Reiche & Brothers, afirmando: Tendo em vista o fato de que um grande jardim zoológico está prestes a ser criado aqui, eu acho que o diretor do Museu poderia facilmente tirar vantagem para nos enviar todos os animais que morrem em suas mãos. Os importadores de anaimais de Nova York responderam:

Em relação ao projetado Jardim Zoológico, diríamos que é um desejo que empreendimentos de tal natureza não sejam estabelecidos em todas as principais cidades da América antes desse. Nós sinceramente esperamos que projeto de lei seja aprovado. Nos proporcionará uma grande honra e nos proporcionará um orgulho especial, se pudéssemos ajudar a fazer o jardim completo, digno de seu nome (Hornaday to Mr. Vic Smith, 21 April 1888, Record Unit 210, Box 2, Folder 6, SAI).

O sonho de Hornaday não iria obter resultado até o final da década, no entanto, é claro que, desde o início, que ele viu a taxidermia e a construção de um empreendimentos zoológico como semelhantes e interligadas (Hornaday para Mr. Henry Reiche, 20 December 1883, Record Unit 210, Box 2, Folder 5, SIA; Chas. Reiche Bros. para Hornaday, 21 December 1883, Record Unit 210, Box 2, Folder 5, SIA).

Hornaday não só contou com pessoas que o aproximaram dos animais. Ele também foi pró-ativa na busca das adições que ele queria para o seu Departamento. Muitas vezes, os rumores de espécimes potenciais viajavam ao longo de sua rede peculiar, e Hornaday poderia iniciar uma transação. Em um caso, disse o capitão R. L. Hoxie, estacioneiro em Montgomery, Alabama, que o "Sr. Thomas Robinson, anteriormente da Universidade de Harvard, informou-lhe por carta que você tem um cervo vivo e que você pretende nos apresentar (Hornaday to Capt. R. L. Hoxie, 29 May 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SAI). O cervo, de acordo com Hoxie, tinha "tendências viciosas", matou outro cervo macho e freqüentemente faziam amizade com galinhas com o objetivo de "devorar-las mais tarde. Ainda assim, Hornaday levou o "briguento e perigoso" animal para seu Departamento (Capt. R. L. Hoxie to Hornaday, 8 June 1888, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SAI).

Leilões de circo também forneceram a Hornaday oportunidades de compra como "lojas" para os animais vivos que ele queria adquirir. Em 1888, um panfleto de propaganda do "leilão do circo Dan Shelby" encontrou "abrigo" na mesa de Hornaday. Neste evento, realizado nas proximidades de Richmond, o taxidermista poderia comprar animais e/ou gaiolas. Leilões geralmente ocorriam após a falência de experientes empresas de circo, e esses eventos habilitavam os colecionadores de animais a encontrar bons preços em animais de alto valor. Hornaday normalmente mantinha relações com circos para obtenção de animais mortos, mas às vezes esses relacionamentos criavam uma outra maneira de reunir uma diversidade de animais vivos (Dan Shelby Circus at Auction, Unidade Record "210, Box 2, pasta 6, SAI).¹⁴

William Temple Hornaday e suas práticas taxidermicas produziram um zoológico de origens humilde. Enquanto outros zoológicos floresceram em torno de leões, tigres e elefantes, o Parque Zoológico Nacional dos Estados Unidos surgiu em torno do que o caçador e "apanhador de animais" Amory R. Starr, denominou de as "pestes" comuns das florestas americanas (Amory R. Starr para Hornaday, 30 de julho de 1888, Record

¹⁴ Leilões de circo eram uma grande oportunidade de comprar animais exóticos por um preço muito mais barato do que os praticados pelos "traficantes de animais exóticos." Neste leilão em especial, o Dan Shelby Circus, estava vendendo os seguintes animais: "Um leão de montanha, quatro macacos, 2 Pacas, 1 papagaio, 2 tamanduás, 3 saguis, 2 macacos com cara de cachorro, um guaxinim, um elefante sul-africano de nome "zip", com 7 pés 8 polegadas de altura, anteriormente pertencente ao ciclo Venda Bros, 34 cavalos de trabalho, 3 arreios cavalos, grande lote, um leopardo, um cervo, um faisão dourado, uma cracatua, um rato-canguru, um antílope, um íbex, um camelo, um dromedário, e as capas e "roupas" utilizadas com o dito elefante, macacos e outros animais, e as GAIOLAS necessárias usados para conter os referidos animais.

Unit 210, Box 2, Folder 6, SIA).¹⁵ Myron Huff, um outro "apanhador de animias" de qualidade de Lodi Centre, Nova York, escreveu uma carta sem pontuação para Hornaday que ilustra perfeitamente o lastro taxidermico do Zoológico Nacional. Huff informou a Hornaday:

Eu deveria ter respondido a sua carta antes de este ter receb [sic] uma semana atrás eu poderia citar uma lista de animais neste país, mas eu acho que seria impossível pegá-los com a exceção de 3 ou 4 As raposas são escassas eu sei de 3 que foram baleada neste inverno, os guaxinins são muito e é possível pegá-los pode pegá-los no verão ou outono marmotas são muitas no verão muitas foram capturadas na minha fazenda neste e no último verão Gambás são escassos e os homens capturam eles por sua pela Ratos-Almiscarados* são fugidios e difíceis de serem pegues eu só ouvi falar de um esquilo preto nos seis anos que eu moro aqui Aaron Sheridan de Ovid tem um em sua coleção e diz que é o único que ele viu em 15 anos. Os esquilos cinzentos são bastante abundantes mas é quase impossível pegá-los. Os esquilos vermelhos são muito fugidios. Esquilos são bastante vistos quase todos os dias. no verão vemos algumas doninhas vermelhas e doninhas de cauda preta e no inverno as doninhas de cauda branca e as de cauda preta alguns homens afirmam que elas mudam de cor Eu tenho em minha coleção 2 brancas pura de cauda preta e a outra branca e tem uma listras vermelha desbotada de cerca de uma polegada de largura do comprimento em suas costas e da cauda preta. há muitos e muitos colehas pequenos selvagens é possível pegá-los quase todo os dias. você percebe que não há animais valiosos nesta parte do país, há vários diferentes tipos de ratos nós pegamos um peculiar no verão chamada de toupeira nariz estrela com os pés dianteiros peculiares curto e grande para um rato eu não consigo pensar em mais nada presente assim tão próximo (Myron Huff to Hornaday, 2 January 1889, Record Unit 210, Box 1, Folder 8, SAI).

Hornaday, aparentemente, perguntou sobre os tipos de animais que poderiam ser capturados nas florestas de Nova York. Não está claro se Huff especificamente destinou essas criaturas para servir como espécimes para as atividades taxidermicas de Hornaday ou para as atividades de construção do zoológico, para as raposas, guaxinins, marmotas, gambás, ratos almiscarados, esquilos, esquilos, coelhos e ratos encontraram seu caminho tanto para o museu e zoológico exibe. No entanto, como demonstrado acima, o Departamento de Animais Vivos não só apoiou Hornaday em sua arte taxidermica, agindo como um gabinete de modelos vivos, mas os processos que ele empregou para reunir os animais e materiais necessários para essas empresas provaram ser quase idênticos.

Na realidade, ao lermos a correspondência Hornaday, datada entre a fundação do Departamento de animais vivos, em 1887, e os primeiros anos de existência do

¹⁵ Em outra carta, datada de 09 de julho de 1888 [encontrado ao lado da letra anterior no Arquivo], Starr escreveu um comentário interessante: "Espero que o projeto de lei para estabelecer um Jardim Zoológico Nacional seja um sucesso, enquanto eu provavelmente nunca irei descobrir o suficiente no mundo para vê-lo, compreendo perfeitamente as influências civilizadoras dessas instituições.

* N.T - É um roedor semi-aquático de porte médio nativo da América do Norte

Zoológico Nacional, é difícil de discernir se qualquer animal vivo específico, bem como materiais diversos (gaiolas, ração, vidro, etc), enviados para Hornaday foi significativo para o Museu Nacional, o Departamento de Animais Vivos ou o Jardim Zoológico Nacional. No processo conturbado de construção do Departamento. O Departamento formado organicamente como um depósito vivo e com a inspiração estética para o trabalho de taxidermia de Hornaday. Enquanto o Departamento serviu esta função prática para o *Smithsonian*, ele dobrou duas vezes o seu tamanho com um fim em si mesmo, como um protótipo do zoológico que Hornaday havia a muito tempo sonhado, e com o os cidadãos de Washington começaram a visitar o Departamento, começou a funcionar como um zoológico de fato, independentemente do seu estatuto oficial nos orçamentos do *Smithsonian*.

Para legitimar as despesas do Departamento, Hornaday destacou o seu papel necessário (como meio) em apoiar o seu trabalho de taxidermia. Ainda que, quando tentou obter animais (especialmente grandes, caros e de grandes faunas), ele, ia com muito tato moldando o Departamento como o “núcleo” de um Zoológico nacional dedicado a conservação e a educação. O Departamento desempenhou muitos papéis entrelaçados para Hornaday e para o *Smithsonian*. Nem mesmo Hornaday, podia saber sempre o destino final das espécimes animais que ele adquiriu. Se um animal morresse em seu Departamento (ou posteriormente, no jardim zoológico), Hornaday iria montá-lo para o museu.

Ele construiu um estabelecimento multifacetado, museu-zoológico único, que acomodou a vida ea morte. Além disso, ao lermos qualquer carta mantida em sua coleção de correspondência, os planos que Hornaday tinha em mente para qualquer espécime particular em debate, muitas vezes eram vagas. Poderia o animal que vivesse no Departamento, ser morto e montado para o Museu; morto e montado como qualquer outro presente ou pagamento para outro ator na rede *animalia* ou negociado (vivo ou morto) para outro zoológico-museu-guardador-coletor para vivos e mortos ou objetos (não vivos) em troca? Às vezes, uma carta expressa essas intenções de Hornaday, outras vezes não. É possível que Hornaday não soubesse de suas intenções até que o animal chegassem em sua porta para ele avaliar. Na verdade, no processo de construção do Departamento de animais vivos, e, assim, o Zoológico Nacional, tudo era similar.

Ressurreição: Da Taxidermia de Zoologia

William Temple Hornaday construiu um zoológico por meio de práticas taxidêrmicas. No processo de formação do Departamento de animais vivos, no qual foi criado o Parque Zoológico Nacional, animais foram misturados a materiais e a vida foi fundida com a morte. O mundo do laboratório de Hornaday, alojava um bloco de corte, um torno de bancada e uma pedra de amolar. O taxidêrmista reduziu animais a partes, apenas para colocá-los juntos novamente. O laboratório de Hornaday, cheio de ferramentas e produtos químicos que apoiaram as atividades mecânicas do taxidêrmista, incorporaram precisão. Os produtos de laboratório transcendiam o mero material e Hornaday transcendeu o mero mecânico.

Hornaday empalhava carcaças para fins bem maiores do que a simples criação de mostradores iluminados que significavam as "construções culturais. . . do imperialismo, consumismo, dominação cultural, mediação e consumo; prisão, escravidão, sadismo e, e voyeurismo e um observado de eventos", nas palavras de Randy Malamud, que oportunamente relacionou essas construções (que foram sempre relacionados aos mostradores dos museus) para zoológicos (MALAMUD, Randy, 1998, 13). Como Hornaday colocou a morte sobre a sua mesa de trabalho, ele ao mesmo tempo estendeu a mão, através de uma extensa rede, em mundos tangíveis fora de seu laboratório, espalhados ao redor dos Estados Unidos. Com Hornaday organizando os diversos interesses representados na rede *animalia*, centenas de americanos desempenharam um duplo papel na formação tanto do Museu Nacional e do Departamento de animais vivos.

O próprio Departamento demonstrava a ambição de Hornaday, bem como os seus valores, e como o Congresso dos Estados Unidos, bem como a cidadãos americanos deliberaram sobre a utilidade de formar um Zoológico Nacional do Departamento de animais vivos, todos os sonhos de William Temple Hornaday se tornaram realidade. Neste sonho, os animais que viviam no Departamento eventualmente significavam muito mais do que as relíquias do museu, e por Hornaday e outros em Washington, o Parque Nacional Zoológico que estava por ser criado seria único em sua aparência, funcionamento, gestão e finalidade. Moradores de Washington, D.C, iriam anunciar Hornaday como um herói, o arquiteto de uma conquista nacional digno de admiração, e os animais do zoológico iriam ganhar novas vidas, simbólicas e literais.

Nos últimos 25 anos, a literatura sobre animais, animais-objetos, animais-outros e animais-significantes explodiu nos "estudos animais" e "pós-humanos" nos escaninhos das Ciências Humanas. Esta literatura atravessa os significados quase infinitos inscritos nos animais não-humanos ao longo do tempo e do espaço, fazendo o ponto universalista de que os seres humanos, de inúmeras formas, "capturam" os animais (corporal e metonímicamente) como persegem os seus próprios interesses. Além desta tese, os estudiosos interessados em animais posteriormente enfatizaram um corolário, ou seja, que os animais, apesar da "vontade de poder" dos seres humanos, sempre conseguem se afirmam em suas "agênciaa"(se este termo ainda significa alguma coisa) de maneiras surpreendentes. No Parque Nacional Zoológico, os animais serão subjugados, e, claro, eles vão atuar. Animais serão moldados pelo conhecimento humano, por sua vez, como eles moldam o seu discurso, mesmo desafiando noções profundamente enraizadas sobre "vida" e "morte." Por enquanto, porém, no processo de criação do Departamento de animais vivos do Nacional Museu, estes mais prosaicos conceitos mostram-se enganosos. Hornaday negociou, comprou, e vendeu animais, pedaços de animais, artefatos antropológicos, uma combinação de coisas incongruentes para museu e suprimentos básicos como matérias-primas para um empreendimento maior. Se os "objetos" de troca estavam respirando ou não, não alterou a maneira que Hornaday lidou com eles no papel. Até que ele recebesse esses "objetos", antes de ele contratar e experimentar pessoalmente, eles foram "questões de negócios" para serem colocados em caixotes, embalados e receberem um número de controle.

É claro que, para que Hornaday começasse todo o processo de formação de um Departamento e um Jardim Zoológico, A sociedade tinha de ter previamente "objetificado" e "mercadorizado" os animais. Neste sentido, o movimento zoológico cedo certamente foi relacionado com a "imperialista", "burguesa", "chauvinista," humanista ", " antropocêntrica" e "Outoros" projetos que defensores dos direitos humanos do velho século XX e do início do século XXI destacavam em suas críticas aos zoológicos do passado e do presente. Examinando o processo de início da construção do Parque Zoológico Nacional, no entanto, essas críticas do grande estabelecimento antropocêntricas explica pouco sobre o estado dos animais durante a formação real de um zoológico particular em um momento específico de tempo.

Animais, no sentido coletivo do termo, podem ser transformados em objetos, permitindo que cada animal possa ser negociado em redes. No entanto, no atual processo de construção zoológicos, os animais individuais não eram ainda objetos no sentido capitalista do termo. Hornaday tratava de animais no papel tão rápida e eficiente como ele lidou com qualquer item de negócio. Os animais descritos no processo de construção do jardim zoológico ainda não tinha sido moldados em outros, transformadas em objetos, ou moldado em significantes. Significados ainda não tinham sido inscritos para eles, nem tinham, até onde Hornaday sabia, afirmados como sujeitos.

Antes de chegar em Washington, os animais que poderiam compor o Departamento de Animais Vivos, existiam como entidades hipotéticas (matérias-primas) de uma rede que logo se materializou em seres reais, capazes de fazer (e receber) demandas de espectadores. No processo de construção do Parque Zoológico Nacional, o status ontológico da fauna individuais era equivalente ao estatuto de qualquer um dos materiais do laboratório de taxidermia. Enquanto os animais no papel ainda não tinham transformado em seres, eles poderiam em breve nascer no teatro do Parque Zoológico Nacional

John Harvey Kellogg, médico, superintendente do Sanatório de Medicina e Cirurgia localizado em Battle Creek, Michigan (que ficou conhecido como o balneário mais conhecido na América do Norte até o final do século XIX), perguntou a Hornaday em fevereiro de 1887, sobre o melhor forma a adquirir macacos vivos. Kellogg “não tinha dúvida” que Hornaday seria "familiarizado com os partidos que fazem negócio de importação destes e de outros animais", e ele precisava de primatas vivos para pesquisar a "causa de pneumonia." Um dinâmico adventista do sétimo dia, vegetariano e um médico famoso como reformador, nutricionista, defensor da abstinência e de exercício, educador sobre doenças sexualmente transmissíveis, e inventor dos flocos de cereal do café, J. H. Kellogg viu a relação de Hornaday com os animais vivos como potencialmente útil para sua a pesquisa médica (J. H. Kellogg to Hornaday, 7 February 1887, Record Unit 210, Box 1, Folder 9, SAI).¹⁶ Muitos outros médicos e cirurgiões seguirão o exemplo de Kellogg e irão olhar para o zoológico de Washington a procura de respostas para os dilemas médicos.

¹⁶ Para saber mais sobre Kellogg ver Richard W. Schwarz's *John Harvey Kellogg: Pioneering Health Reformer*. Hagerstown, Maryland: Review and Herald Publishing Association, 2006.

Cientistas e pesquisadores das ciências biológicas, envolveram-se da mesma forma com o zoológico de Hornaday. Ao mesmo tempo em que os jardins zoológicos tornaram-se populares nas cidades americanas, proeminentes universidades americanas criaram departamentos de Zoologia, organizadas por zoólogos não só profissionais, mas também anatomistas, biólogos, entomologistas, ortopedista, paleontólogos, herpetólogos, ictiologistas, ornitólogos e outros cientistas. Cientistas de todos os tipos vão encontrar acolhida no Parque Zoológico Nacional, e eles irão colaborar com público frequentadores do Zoológico de Washington construindo uma ciência zoológica popular e instrutiva para todos os americanos.

A experiência de William Temple Hornaday de fundar um Departamento de Animais Vivos o conduziu a uma carreira zoológica (em que ele acabaria por se tornar o diretor da *New York Zoological Park*, atualmente o Jardim Zoológico de Bronx) dando-lhe voz sobre o assunto e sobre pedagogia zoológica. Em 1910, quando publicou *O Caminho Direito de Ensinar Zoologia*, Hornaday surgiu como um dos primeiros comentadores sobre instrução zoológica na história americana. Neste artigo, Hornaday sustentou veementemente que "zoologia prática" deve dominar todas as aulas de zoologia, dando aos estudantes um "conhecimento geral" do mundo ao seu redor. Instrutores de zoologia não devem dedicar semanas para o exame de uma única estrutura de gafanhoto e a linhagem evolutiva anatômica e quando seus alunos não têm conhecimentos básicos sobre o reino animal. Lendo a crítica tardia de Hornaday a criação do estabelecimento zoológico, enquanto examinamos o processo que ele empregou na formação do Departamento de Animais Vivos da experiência taxidermia lança luz sobre o importante papel que o espaço zoológico desempenhou no desenvolvimento de sua filosofia zoológica (HORNADAY, William T., 1910, 256-263).

Como demonstrado acima, Hornaday provou não ter desconhecimento de nenhuma espécie específica de "peixe solitário" ou "de lagosta única." Na verdade, a experiência taxidêmica de Hornaday fez dele o primeiro perito nas minúcias anatômicas de animais de pequeno e grande porte. Seguramente, Hornaday, como ele próprio admitiu não "se opôs ao princípio de ensino." Ele só "se opôs a toda redução e absurdo decorrente disso" (HORNADAY, William T., 1910, 263). O taxidermista construiu seu laboratório sem objetos. O laboratório agiu como um filtro, um suporte com uma membrana semipermeável, de objetos numa rede expansiva de objetos. Uma vez que um objeto

encontra um lugar em sua mesa de trabalho, Hornaday passava horas ou dias montando-os, perdendo-se em seus intrincados detalhes. Hornaday certamente não era estranho aos objetos, e ele poderia não ter encontrado a fascinação dos cientistas nas pesquisas e nas complexidades de uma espécie específica fútel.

No entanto, ele acreditava que a agenda de pesquisa do zoologista não deveria moldar sua agenda de ensino. Ele trabalhou com os objetos, a fim de colocá-los em exposições de museus, para colocá-los em narrativas que poderiam captar a curiosidade dos espectadores e transportá-los para grandes contextos históricos, culturais ou naturais, permitindo que o indivíduo transcende as circunstâncias individuais e tornar-se, mesmo que apenas momentaneamente, parte de um mundo lá fora. Hornaday transferiu este propósito por meio do Departamento de Animais Vivos, do museu zoológico, e, eventualmente do jardim zoológico para a sala de aula. A aula ideal de zoologia, para Hornaday, deveria funcionar como um jardim zoológico, dando aos alunos uma visão da grandiosidade do reino animal quanto for possível. Instrutores de zoologia não deve perder os alunos nas abstrações teóricas da genealogia evolutiva quando eles têm a oportunidade de criar uma América mais envolvidos com o mundo natural.

William A. Kepner, Professor Adjunto de Biologia da Universidade de Virgínia, publicou uma resposta ao artigo abrasivo do Hornaday. "O menino tem prazer em descobrir o seu primeiro ninho de lampreia e em vê-lo ser construído"; Kepner afirma, mas esse conhecimento não é necessário para sua compreensão dos pensamentos e dos ensinamentos do seu tempo e sua posição." Em um conclusivo ataque ao diretor do zoológico, Kepner postula que "é melhor ajudar os estudantes universitários mais claramente refletir sobre os pensamentos dos homens civilizados do que levá-los ao interesse nas fases da vida dos animais que são essenciais apenas para a vida dos homens na selva" (KEPNER, William A., "How to Teach Zoölogy in College," *Outlook* (Jun 02, 1910): 496). O Congresso dos Estados Unidos e da história subsequente do Parque Zoológico Nacional, no entanto, provarão o contrário.

Os Estados Unidos precisam redescobrir a lampreia do ninho!

Referências bibliográficas

BERGER, John, "Why Look at Animals," in *About Looking* (London: Writers and Readers, 1980).

BLACKBOURNE, David and Geoff Eley, *The Peculiarities of German History: Bourgeois Society and Politics in Nineteenth-Century Germany* (Oxford: Oxford University Press, 1984), 200.

GUERNSEY, Alice M. Para Hornaday, 27 de Maio de 1889, "Taxidermist, USNM, 1883-1889," Unidade de registro 210, Box 1, pasta 7, Smithsonian Institution Archives.

HETHERINGTON, Kevin, "From Blindness to blindness: Museums, Heterogeneity and the Subject," In *Actor Network Theory and After*, John Law and John Hassard, 51-73 (Malden, MA: Blackwell Publishers, 1999) 59-60.

HORNADAY to Goode, December 2, 1887, Smithsonian Institution Archives, Record Unit 201, Box 17, Folder 10).

HORNADAY, W. T., "Report of the Department of Living Animals," 1-2, Smithsonian Institution Archives, Record Unit 158, Box 5, folder labeled "Department of Living Animals, 1887-1888".

HORNADAY, William T., "The Extermination of the American Bison with a Sketch of its Discovery and Life History," printed in *Report of the United States National Museum under the Direction of the Smithsonian Institution*, 1887 (Washington: Government Printing Office, 1889), 367-548.

HORNADAY, William T., "The Right Way to Teach Zoölogy," *Outlook*, Jun 04, 1910, 256-263.

HOROWITZ, Helen L., "The National Zoological Park: "City of Refuge" or Zoo?" *Records of the Columbia Historical Society* 49 (1973/1974): 408-409;

KEPNER, William A., "How to Teach Zoölogy in College," *Outlook*, Jun 02, 1910, 496.

KOHLSTEDT, Sally Gregory, "History in a Natural History Museum: George Brown Goode and the Smithsonian Institution" *The Public Historian* 10, No. 2 (Spring, 1988): 11.

MALAMUD, Randy, *Reading Zoos: Representations of Animals and Captivity* (New York: New York University Press, 1998), 13.

MIGHETTO, Lisa, *Wild Animals and American Environmental Ethics* (Tucson: The University of Arizona Press, 1991): 42.

ROTHFELS, Nigel. *Savages and Beasts: The Birth of the Modern Zoo*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2002, 21-25.

THOMAS, Keith, *Man and the Natural World: A History of the Modern Sensibility*. New York: Pantheon, 1983, 277.

VANDERSOMMERS, Daniel, “Violence, Animals, and Egalitarianism: Audubon and the Intellectual Formation of Animal Rights in America,” Masters Thesis: The Ohio State University, 2010.